

# A CATEQUESE POLIFÔNICA DA IGREJA CATÓLICA: DISSONÂNCIAS ENTRE O “SAGRADO” E O “PROFANO”

André Alcman O. Damasceno<sup>1</sup>  
Amanda Sousa e Silva<sup>2</sup>  
Cibele Rodrigues<sup>3</sup>

## Resumo

Este texto aborda as estratégias de catequese da Igreja Católica a partir da música. Assim, se estabelece um vínculo desde a alta Idade Média na ampliação da linguagem musical litúrgica, passando pelo fenômeno da romanização durante a passagem dos séculos XIX e XX – analisado junto à Renovação do Sagrado Coração, até a contemporaneidade com o Movimento Carismático, que analisamos junto à Comunidade Shalom. Estes dois últimos são os casos empíricos analisados no contexto do Cariri (região sul do estado do Ceará-Brasil). Para tanto, em termos teóricos, refletimos tais realidades de acordo com as teorias de Berger (1985), Bourdieu (1974) e Weber (1968 e 1991).

**Palavras-chave:** Igreja Católica – Música – *Catequese Polifônica*

## INTRODUÇÃO

“A Música é uma matéria altamente teológica, da mesma forma que o pecado, da mesma forma que eu (o Diabo). O amor cristão a ela é uma paixão genuína, porque une o conhecimento e a corrupção”.

(MANN, 1994, p.327)

Este trabalho envolve três pesquisadores que analisam a liturgia e as estratégias de conversão de fiéis, a partir da música, por parte da Igreja Católica, em momentos distintos em termos de tempo e de espaço. Afinal, levantamos uma discussão que reflete as iniciativas da Igreja Católica na área musical a partir da progressiva assimilação da polifonia popular pelo canto coral cristão durante a alta Idade Média, passando pelas iniciativas do começo do século XX, até as ações mais contemporâneas. Devido à amplitude da pesquisa, devemos ressaltar que esta ainda se encontra em um estado de amadurecimento tanto empírico quanto conceitual e teórico.

Sendo assim, enfocaremos, no Brasil, especificamente na região Nordeste, a iniciativa do Padre Cícero (1844-1934) instituir - a partir dos ditames de Roma - no Cariri (sul do estado do Ceará), a Renovação do Sagrado Coração de Jesus, que é incorporada à prática popular. Este culto, um dos focos empíricos deste trabalho, consiste “em levar” a Igreja para dentro das casas das famílias dos sertanejos, através de cânticos de louvor e de outros rituais que vêm sendo resignificados até os nossos dias.

Por outro lado, na contemporaneidade, o que vem chamando atenção é a emergência do fenômeno da Renovação Carismática Católica, como uma resposta frente ao avanço dos pentecostais. Dentro desta luta por fiéis, também no Cariri nordestino, nota-se a utilização de gêneros musicais tidos como “profanos” como instrumentos tanto litúrgico quanto de catequese. Este outro enfoque empírico do nosso trabalho analisa justamente a configuração de tal instrumentalização do “profano” pelo “sagrado” a partir do caso da Comunidade Shalom.

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Ciências Sociais (URCA) e Doutorando em Sociologia (UNICAMP).

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Sociais (URCA).

<sup>3</sup> Graduada em Ciências Sociais (URCA).

A partir da experiência destes campos de pesquisa vislumbramos que há uma sofisticada estratégia manutenção e de expansão dos fiéis na igreja Católica na qual a música serve como um campo fértil para o êxito de tais propósitos. Por isso, o conceito da *Catequese Polifônica* vem se constituindo como possuidor de um grande valor heurístico devido ao seu alcance histórico e sociológico, alicerçando-se em autores – Bourdieu (1974), Weber (1968, 1991) - que tratam a relação entre “profano” e “sagrado” para além da perspectiva dicotômica, já que esta se situa nas relações desiguais entre leigos e aqueles que possuem o monopólio do “sagrado”, mas que tem que negociar com o “profano” para manutenção e expansão da estrutura do poder religioso. Além destes autores citados, na perspectiva desta pesquisa, também é fundamental refletir com Berger (1985) e a sua perspectiva de disputa mercantil entre as religiões na contemporaneidade, especialmente em relação à Comunidade Shalom, mas que também é visualizada na Renovação do Sagrado Coração frente à necessidade da adaptação de seus ritos aos bens religiosos musicais de consumo da atualidade.

### A CATEQUESE POLIFÔNICA<sup>4</sup>

O conceito de *Catequese Polifônica*, que vem sendo desenvolvido em nossa pesquisa, evidencia como a relação entre “sagrado” e “profano” passa por transformações de sentido dentro da própria liturgia musical da Igreja quando do processo de catequização que vem se remodelando contra as investidas protestantes e com a catequização dos “pagãos” desde, formalmente, ao Concílio de Trento (1545-1563).

Na verdade, a assimilação das formas musicais polifônicas populares ocorre antes do Concílio de Trento, por volta do século XIII, dentro do outrora homófono cantochão gregoriano que era cantado em uníssono. O Canto Gregoriano vai estabelecendo a divisão das vozes em termos recitativos e melódicos, dando origem ao *Organum* e ao *Discantus*. A evolução desta divisão de vozes ocorrerá já em plena *ars nova*.<sup>5</sup> pelo Bispo Philippus de Vitry (1291-1361) no estabelecimento das regras do contraponto.<sup>6</sup>

Após o Concílio de Trento, ocorre oficialmente a progressiva aceitação da polifonia “profana” dos “flamengos” e da conseqüente assimilação do trítone - intervalo de três tons entre duas notas musicais, considerada, no medievo, como o *diabolus in musica*, pelo efeito tensional-dissonante, evitado pelo canto gregoriano até serem aceitos e resolvidos na relação tensão-repouso na homofonia da música de Palestrina (1525-1524) e do sacerdote Monteverde (1567-1643), que se tornaram fundamentais no desenvolvimento da missa enquanto forma musical e da conseqüente estruturação do sistema tonal ocidental.<sup>7</sup>

Foi dentro deste espírito de desenvolvimento musical e da Contra-Reforma que os jesuítas, na América Latina, no Brasil colonial, catequizaram os índios, a partir do século XVI, utilizando-se da música polifônica essencialmente vocal ou acompanhada por instrumentos, que poderiam ser, como ocorreu em alguns momentos, dos próprios indígenas. Esta estratégia seria ampliada na tradução dos textos e cantos sacros nas línguas nativas. Desta forma, a estratégia da incorporação da música como elemento litúrgico e de catequese será empreendida pela Companhia de Jesus, apesar das restrições ao uso da música pelo Padre Inácio de Loyola (1461-1556) e pelos primeiros documentos da

<sup>4</sup> Este conceito está sendo desenvolvido pelo Prof. André Álcman O. Damasceno a partir da observação do campo de pesquisa de suas orientandas, Amanda Sousa e Silva e Cibele Rodrigues, e de suas próprias investigações na área musical.

<sup>5</sup> Cf. CARPEAUX, 2001, p.23.

<sup>6</sup> Entretanto, o desenvolvimento musical ocorre um pouco depois de acordo com a análise de Weber: “A polifonia, tomada neste sentido, especialmente em conjunto com o contraponto, só é conhecida no Ocidente, de forma conscientemente desenvolvida, a partir do século XV” (WEBER, 1995, p.107-108)

<sup>7</sup> Tomamos como base para análise estética os trabalhos de CANDÉ, 2001; CAPEAUX, 2001 e WEBER, 1995.

Congregação, que foi logo revista, por iniciativa do Papa Paulo IV (1476-1569), devido à utilização corrente das manifestações musicais entre os luteranos.

Outro momento crucial deu-se a partir do Concílio do Vaticano I (1846-1878) que firmou as bases do fenômeno da romanização e de suas investidas contra o catolicismo popular, especialmente o latino americano, no qual estará na base da formação da Renovação do Sagrado Coração - conforme veremos adiante. Como a romanização não corre de maneira homogênea, por onde ela se propaga, os ritos da Renovação no Cariri terão uma especificidade de acordo com as bases de negociação estabelecida pela Igreja em relação com a própria cultura popular local.

O conceito da *Catequese Polifônica* se alicerça numa sociologia das religiões que entende que a relação entre “sagrado” e “profano” não ocorre de maneira funcional, como entes sociais sincrônicos, como ocorre na análise de Durkheim (2003) e Eliade (2003). Filiamos-nos a uma visão sociológica que afirma que são os detentores do monopólio religioso que nominam o que é “sagrado”, acabando por polarizar o que consideram “profano”. Não apenas. O que pode ser considerado “profano” pode deixar de sê-lo de acordo com as conveniências, de acordo, obviamente, com as estratégias de conversão dos “pagãos”. Desta forma, as relações entre “sagrado” e profano” estão dentro do âmbito de uma sociologia do poder que nos remete ao pensamento de Weber (1968, 1991) e Bourdieu (1974)).<sup>8</sup> Já em relação a Berger (1985), vislumbramos a estratégias, no mercado das religiões, da igreja Católica na conquista por fiéis.

Em relação a Weber (1968, 1991) concordamos com sua análise sobre a religião como um fenômeno submetido à sociologia da dominação, onde um *agrupamento hierocrático* gere os *bens de salvação* e, conseqüentemente, exercem o poder sobre os fiéis. Tanto em relação à “tradicional” Renovação do Sagrado Coração quanto em relação ao contemporâneo Shalom, ocorre uma vigilância dos eclesiásticos frente aos limites da assimilação das formas populares, vistos nas músicas religiosas vinculadas pelo mercado musical (no caso da Renovação) e na maneira em que os gêneros populares tidos como profanos são agregados aos ritos do Shalom. Em ambos os casos, a música pode ser encarada como um *bem de salvação* que é utilizada concomitantemente como elemento de coesão nos ritos e como instrumento de catequese.

Esta leitura também pode se servir da perspectiva teórica de Bourdieu (1974), considerando a música como um *bem de salvação*, de grande valor simbólico agregado. A Igreja Católica, através de seus especialistas religiosos, não se furto no direito de assimilar, negociando, com as formas populares ditas “profanas” ou “pagãs”. Entretanto, os detentores do capital religioso ou “sagrado”, ditam os limites de tal negociação aos leigos.<sup>9</sup> Em relação à Renovação, alguns cantos religiosos advindos do mercado fonográfico religioso são assimilados, assim como gêneros tratados como mundanos pelos carismáticos, como o axé – contanto que resignificados em relação às letras que são tratadas como elemento de evangelização.

Já através dos escritos de Berger (1985) é visível como as atuais estratégias da Igreja Católica via o Movimento Carismático, aqui visualizado através do Shalom, podem ser refletidos dentro da disputa por fiéis, de acordo com uma lógica de mercado. No caso aqui de um “mercado das religiões” - dentro de um contexto de um mundo religioso pluralista - já que os fiéis são disputados pela Igreja Católica, principalmente com as igrejas pentecostais, dentro de uma lógica de conquista de consumidores religiosos, vistos na proliferação de bandas e de festivais de *gospel*. Esta estratégia de

<sup>8</sup> Cf. WILLAIME, 2012.

<sup>9</sup> Conforme este comentário de Bourdieu: “*O Manual de Folclore francês Contemporâneo* de Arnold Van Gennep, contém inúmeros exemplos destas trocas entre cultura camponesa e a cultura eclesiástica – ‘festas litúrgicas folclorizadas’, como as ‘rogações’, ritos, pagãos integrados à liturgia comum, santos investidos de propriedade e funções mágicas etc., - que constituem a marca das concessões que os clérigos devem fazer às demandas profanas, ainda que não tivessem outro intuito senão o de afastar das solicitações concorrentes de feitiçaria os clientes que com certeza perderiam caso procedessem s uma atualização” (BOURDIEU, 1974, p.68).

atualização também é vista na “tradicional” Renovação, já que é notório, conforme veremos adiante, a necessidade de sua adequação ao mercado musical religioso.

A *catequese polifônica* é uma maneira musical de adaptar o material musical à liturgia e de conquistar novos adeptos, que se inicia na alta Idade Média, se moderniza com a romanização durante o século XIX e se radicaliza na atualidade com o Movimento Carismático, dentro de uma lógica de mercado. Vejamos os casos pesquisados.

## **A CENTRALIDADE SIMBÓLICA DA MÚSICA NO RITUAL DA RENOVAÇÃO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS<sup>10</sup>**

O ritual da Renovação do Sagrado Coração de Jesus tem sua origem na França, chega ao Brasil através dos Jesuítas e propaga-se definitivamente com o processo de romanização da igreja Católica, sendo introduzido no Cariri por meio da figura do Padre Cícero.

Segundo Fernandes (2005), a origem da renovação se dá nos mosteiros da Idade Média nos séculos XII e XIII. No século XIII a devoção se concentrava nos mosteiros beneditinos de Helfa, Alemanha, através abadessa Gertrudes de Hackeborn, sua irmã Santa Maltide e Santa Gertrudes conhecida como a “teóloga do Sagrado Coração” devido aos seus escritos e revelações recebidas.<sup>11</sup>

Entre a Idade Média e o século XVII a devoção assume a função de reparadora e expiatória, graças a São João Eudes e Santa Margarida Maria. Com São João Eudes (1601-1680), há uma expansão na devoção. Na tradição consta que Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690), freira do convento da visitação de Santa Maria em Paray-le-Monial (Borgonha, França), foi a grande mística que recebeu revelações e doze promessas do Salvador divino, sendo a última conhecida como a grande promessa, no período compreendido entre dezembro de 1673 e junho de 1675, ocorridos enquanto a Santa adorava o santíssimo Sacramento diante do altar.

A colonização do Brasil teve a presença dos Jesuítas na catequização dos índios, uma das maneiras de expansão do catolicismo, segundo Holler (2010: 11) este era o principal objetivo da Companhia de Jesus a disseminação da palavra de Cristo entre os “pagãos”, o que propiciou a presença da Ordem em outros continentes no século XVI. No Brasil foi fundamental a atuação dos jesuítas para a coroa portuguesa, pois áreas almeçadas pelos espanhóis eram ocupadas e defendidas pelos Jesuítas. Estes viram na música uma maneira de catequizar os índios.<sup>12</sup>

O uso da música pela Companhia de Jesus em Portugal e nas colônias como descreve Holler (2010, p.12) como uma ferramenta fundamental na catequização. A presença dos jesuítas influenciou na nossa formação cultural, mesmo não sendo possível determinar até que ponto isso aconteceu, não se pode negar a contribuição e atuação na nossa formação cultural. Inclusive, Holler (2010) aponta a possível influencia musical da Ordem no uso das rabecas e gaitas na música popular e

<sup>10</sup> Este tópico foi escrito a partir de parte da pesquisa que Cibele Rodrigues está desenvolvendo em sua Especialização em Sociologia (URCA), com a orientação de Prof. André Alcman O. Damasceno.

<sup>11</sup> Quanto à origem da Renovação, Fernandes (2005) a situa historicamente: “A história do culto ao Sagrado Coração é uma devoção que tem suas raízes na origem mesma da dogmática cristã, que teve a estima de vários santos: foi também objeto de uma intervenção divina incomum em Paray- Le-Monial, França, no século XVII. Por isso mesmo tem sido desde sempre considerada como devoção autêntica, portanto reconhecida pelo magistério da Igreja Católica” (FERNANDES, 2005, p.105).

<sup>12</sup> Como é dito a diante “os missionários jesuítas logo perceberam na música um meio eficaz de sedução e convencimento dos indígenas, e, embora os regulamentos da Companhia de Jesus fossem pouco afeitos à prática musical, referências à música em cerimônias religiosas e eventos profanos são encontradas em relatos desde pouco tempo depois da chegada dos jesuítas no Brasil até sua expulsão em 1759. A atuação musical dos jesuítas certamente influenciou a formação da cultura brasileira ou identidades culturais regionais, porém é difícil determinar até que ponto isso ocorreu”. (HOLLER, 2010, p.12).

no folclore do Norte e Nordeste. Sendo assim, a atuação musical dos jesuítas no Brasil foi tanto para aproximação deles com os índios e, conseqüentemente, para a catequese católica.<sup>13</sup>

Segundo Gonçalves (1997, p. 26) a devoção ao Sagrado Coração de Jesus chega ao Brasil por meio dos Jesuítas e se propaga definitivamente com o processo de romanização da Igreja Católica. Roma impôs ao país novas formas de viver a religião substituindo os antigos santos de devoção por outros cujo culto favoreciam a prática dos sacramentos. Na conjuntura católica, uma das manifestações novas era a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. “A romanização chegou ao Brasil com os europeus, de modo particular com os portugueses. O catolicismo luso-brasileiro tinha como principal ênfase o seu aspecto devocional, ficando a propagação e promoção do culto geralmente com a participação de dos fiéis leigos.” (GONÇALVES, 1997, p.26). Dentro desta perspectiva, é notório o controle do poder eclesiástico, apesar das concessões, bem de acordo com a perspectiva analítica de Bourdieu (1974) sobre a gestão dos especialistas religiosos dos *bens de salvação* que são negociados nos rituais com os leigos.

Durante o período Colonial no Brasil popularizou-se o culto ao Bom Jesus, observa-se a paixão de Jesus Cristo, espalhando-se pelo Brasil a ideia de construção de muitos santuários em honra ao Bom Jesus. Ainda no processo de Romanização, durante o século XIX, os bispos Brasileiros com ajuda da Europa substituíram o culto ao Bom Jesus pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus, oficializada na Igreja Católica a pedido da Santa Sé. Assim, celebrava-se a morte de Cristo na Cruz e centrava como objeto de devoção não a paixão, mas o coração transpassado pela lança. A Igreja impõe aos fiéis que a forma mais eficiente de honrar o Sagrado Coração era através dos sacramentos.

Para cuidar dos templos (santuários) do Bom Jesus as comunidades se reuniam e fundavam associações confrarias e irmandades que com o tempo foram substituídas por associações religiosas novas, controladas pelo Clero quase sempre de origem europeia, entre elas o Apostolado da Oração difundido pelos Jesuítas oriundos todos da Província de Roma como principal objetivo de dar maior promoção à devoção ao Sagrado Coração de Jesus no meio dos leigos e sendo as reuniões coordenadas por um padre.

Segundo Fernandes (2005, p.112), no Cariri, esta devoção das famílias se consagrarem ao Sagrado Coração realizando a Renovação iniciou em torno da figura do Padre Cícero que atendendo ao pedido de Roma e da Igreja no Brasil fundou um Apostolado da Oração ao tempo em que incentivou aos fiéis a praticarem com zelo esta devoção.<sup>14</sup>

Na comunidade observada o ritual da Renovação faz parte do cotidiano das pessoas é passado de geração para geração como é demonstrado em entrevistas quando perguntava os motivos que levavam os donos da casa a realizarem a renovação: “Acho que a fé e a tradição passada de pai para filho” (F, C, 22 ANOS. ENTREVISTA 18/08/09). É algo que se vê desde criança e vai sendo absorvido e se encorpora a família e também se associa as práticas que a Igreja Católica dispõe para os fiéis como a ida a igreja no domingo. É muito comum as Renovações serem nos domingos, vejamos,

<sup>13</sup> Conforme o relato: “música na atuação dos jesuítas nas aldeias do Brasil colonial teve um caráter eminentemente prático e refletiu as características da ordem de intenso trabalho externo de assistencialismo e catequese. Os documentos demonstram que o uso da música pelos jesuítas junto aos índios foi extenso desde a chegada ao Brasil em 1549. Em uma carta de agosto desse ano, Nóbrega menciona a atração que a música exercia sobre os índios, descrevendo uma “procissão com grande música, a que respondiam as trombetas. Ficaram os índios espantados de tal maneira que depois pediram ao padre [Juan de Azpicuelta] Navarro que lhes cantassem como fazia na procissão” (Car.MaNob.2,1549.p.129). A partir de então os padres passaram a buscar na música um meio de aproximação com os indígenas, o que é evidente nos documentos até o momento da expulsão”.(HOLLER, 2010, p.159).

<sup>14</sup> Conforme Gonçalves: “Este novo culto nascido do processo de romanização vigente no país foi logo aceito por todas as famílias, oriundas de todo o Nordeste, tornando-se uma expressão de piedade popular, ligada ao Catolicismo Popular. A devoção se expandiu rapidamente, saindo da Igreja Romanizada passando para as casas sob o título de Renovação das famílias ao Sagrado Coração de Jesus”. (GONÇALVES, 1997, p.31)

como exemplo, a resposta dada pelo casal ao ser perguntado sobre a escolha do dia da renovação: “o domingo, porque o domingo sempre é mais de rezar. O domingo fica sempre mais para rezar. Aí escolhemos o domingo” (CASAL (A) - ENTREVISTA 18/08/09).

Na Renovação do Sagrado Coração de Jesus como em outras práticas e cultos religiosos, há uma forte presença musical. Esta atua na Renovação dando sentidos e significados aos envolvidos no ritual. O canto e o hino fazem referência ao santo de devoção da família, dos donos da casa, as letras falam da história do santo, ou a que ele é associado, a chuva, a saúde etc. No momento em que se canta, se expressa um pedido, uma graça alcançada, uma demonstração de devoção. A data dos encontros da Renovação, os quadros e imagens que compõe a mesa do santo e a parede do santo, também, indicam louvor, e, evidentemente, o canto reforça esta devoção.

Isto pode ser demonstrado, por exemplo, em uma Renovação que acontece no mês de março, no dia de São José (19 de março) não se pode faltar o Canto de São José. Este santo é associado ao período de chuva no Ceará, o hino é pedido para ocorra à precipitação de chuva. Acredita-se que se chover no dia de São José o inverno será proveitoso, mas não significa que não se cante em outros períodos, apenas nos referimos que há um período mais específico, quando a “tiradeira”, ou “rezadeira” inicia o canto todos os presentes na sala do santo acompanham: “Meu divino São José aqui estou em vossos pés, mandai chuva com abundancia, meu Divino São José” - é a prece, o pedido expressado em cantos, compondo o ritual e a devoção.

O mês de junho marcado pelos festejos Juninos os cantos de São João, de São Pedro e Santo Antonio, trechos como estes que expressa um pedido: “São Pedro Chaveiro do céu vós tem a chave nas mãos/ rogai por nós nos dê a salvação.”, o canto referente ao Padre Cícero a quem a devoção é muito forte e comum na região, pela sua atuação, é cantado durante todo o ano, quando a “rezadeira” não canta sempre tem alguém para dizer: “o canto de meu padrinho Cícero!”. Em geral, os sentimentos envolvidos na figura do Padre Cícero são demonstrados na devoção a ele pela Dona de Casa e o canto é mais uma expressão disto: “Meu Padrinho quantas Saudades o senhor deixou entre nós, hoje vivo em vossa luz, daí mais força a nossa voz/ Patriarca do Juazeiro conselheiro do Sertão”.

O ritual possui os momentos distintos destinados às músicas, assim como possui para as orações. No ritual considerado antigo ou tradicional, é iniciado com o canto ao Sagrado Coração de Jesus, em seguida as orações, depois as orações como “pai nosso”, “ave Maria” e “Salve Rainha” oferecidas à família, aos mortos em seguida é cantado um canto ao Sagrado Coração de Maria e ao Sagrado Coração de Jesus e seguem os cantos, escolhidos pela “rezadeira” e o último canto é para derramar bênção, na família, na casa e nos convidados. Ocorrem algumas Renovações que não seguem o modelo com momentos retirados do ritual da missa (canto de entrada, orações, momento de aclamação antes da leitura do evangelho, reflexão e momento de comunhão espiritual). Esta sequência pode sofrer alterações, já é comum também à presença de músicas que estão fazendo sucesso, de padres que gravam CDs, de cantores que fazem músicas com caráter religioso. A música neste aspecto também contribui para mudanças e atualização do ritual, ou seja, à medida que estas músicas fazem parte do rito, este sofre alterações e atualiza-se no sentido de trazer elementos do contexto atual bem de acordo com as análises de Berger (1985) sobre a necessidade de atualização das religiões frente às demandas do mercado dos adeptos.

## **A APROPRIAÇÃO MUSICAL “PROFANA” POR PARTE DA COMUNIDADE SHALOM<sup>15</sup>**

De acordo com a estatística do IBGE, ao comparar os dados sobre religião dos anos de 2000 e 2010, percebe-se que houve um crescimento de 61,45% dos que se denominam evangélicos. Com a

---

<sup>15</sup> Esta tópico do texto corresponde à parte da pesquisa monográfica de Amanda Sousa e Silva, orientada pelo Prof. André Alcman Oliveira Damasceno.

perda da hegemonia<sup>16</sup> religiosa no Brasil, a Igreja Católica percebe que são necessárias mudanças em sua atuação, para tentar recuperar os fiéis à Igreja. Não que a totalidade dos católicos seja, atualmente, um número mínimo de fiéis. Porém, o vasto crescimento das outras religiões, sobretudo as evangélicas do Movimento Neopentecostal, deixaram atentos os que compõem e disseminam o catolicismo.

Segundo Guerra (2003), ao abrirem possibilidades para uma forma religiosa prevalecer sobre outra, é visado pelas hierarquias das instituições religiosas o efeito positivo contido nas alterações realizadas, de modo que toquem de forma atrativa à massa de fiéis ativas e possíveis. No entanto, estas alterações não mudam completamente as práticas e discursos religiosos, não há uma quebra.<sup>17</sup>

Existem modificações, porém, são conservados traços de continuidade para que a massa de fiéis não perca a suas marcas identitárias. Possibilitando um atendimento para as demandas dos que são fiéis adeptos e dos que poderão vir a ser, levando em consideração as suas vontades e necessidades, mas também as das instituições religiosas. Corroborando com Bourdieu (1974), os espaços em que ocorrem as práticas religiosas, tem se [re] configurado como coadunações de permanências e mudanças, com estruturas que tanto mantém traços, havendo reproduções do que é tido como “tradição” e também existem transformações que modificam as práticas. O que nos leva a observar tais localidades como espaços de constantes disputas de sentidos, tensões e contradições, nos fazendo pensar como são mantidos traços de continuidades e transformações.

Como no mundo moderno quase tudo é produto. O fiel passa a ser um consumidor e as instituições religiosas tentam suprir as suas demandas, oferecendo produtos religiosos eficientes para os fiéis. Com isso, as instituições religiosas farão um estudo embasado nos perfis dos fiéis que são o seu público-alvo para melhor abordá-los e convertê-los. Dessa análise, surgirão melhores maneiras de tentar fazer essa aproximação entre possível aderente religioso e instituição religiosa. Já que as práticas religiosas estarão moldadas para aquele corpo de fiéis, com mensagens, atividades, discussões e celebrações planejadas para o seu público. Segundo Berger (1985), as práticas religiosas e suas legitimações tem a função de rememorar e repassar os significados da cultura e suas instituições. Portanto, os rituais religiosos permitem e executam a socialização e reafirmação das estruturas sociais.

A Igreja Católica, observando o forte crescimento das Igrejas Evangélicas de cunho Pentecostal, se percebe frágil. Há muita música *gospel* sendo executada nas rádios, na televisão e nos shows. Faz-se necessário a aparição de “novos Padre Marcelo Rossi<sup>18</sup>” com sua simpatia e alegria que convida as pessoas a tornarem-se integrantes do catolicismo. Com isso, a Renovação Carismática Católica e as suas derivações, as Comunidades Novas, ressurgem com artistas e estratégias que são pensados para atender a necessidade lúdica do fiel.

De acordo com Guerra (2003), a partir do momento em que o meio religioso atua embasado numa lógica mercadológica, é dada maior relevância aos anseios e necessidades das pessoas, enquanto futuros adeptos. O que pede como resposta das organizações religiosas uma postura flexível e mutável, possibilitando transformações possíveis e produtoras da satisfação dos futuros e já religiosos.

---

<sup>16</sup> Referimos-nos ao poder hegemônico, enquanto representante da maioria de fiéis religiosos do território brasileiro, já que havia quase que uma homogeneidade, pois as pessoas não assumiam fazer parte de outra religião e se diziam católicos, ainda que “não praticantes”. Mas, apesar da perda, neste quadro, do poder da Igreja Católica, ainda vigora a grande influência da Igreja nas deliberações dos poderes Legislativo, Judiciário e Executivo.

<sup>17</sup> De acordo com a posição de Halbwaches a este respeito: “um grupo religioso, mais que qualquer outro, tem a necessidade de se apoiar sobre um objeto, sobre alguma realidade que dure, porque ele próprio pretende não mudar, ainda que em torno dele as instituições e os costumes se transformem e que as ideias e experiências se renovem”. (HALBWACHES, 1990, p. 156)

<sup>18</sup> Padre Marcelo Rossi ficou conhecido nacionalmente devido a sua maneira de divulgar a fé católica nos meios de comunicação sociais brasileiros. Adepto da Renovação Carismática Católica (RCC), disseminou a oração em línguas e músicas de adoração espiritual, também músicas mais animadas e dançantes, provenientes do dom do Espírito Santo que está presente no “Carisma” da RCC brasileira. Deixando mais conhecidas as práticas que não eram comuns serem proferidas por padres e pela Igreja Católica Tradicional.

Dentro desta luta por fiéis, também no Cariri, nota-se a utilização de gêneros musicais considerados “profanos” como instrumentos tanto litúrgico quanto de catequese. O que configura uma instrumentalização do “profano” pelo “sagrado” a partir do caso da Comunidade Católica Shalom, localizada em Juazeiro do Norte. Através da experiência destes campos de pesquisa vislumbramos que há uma sofisticada estratégia de manutenção e de expansão dos fiéis na Igreja Católica na qual a música serve como um campo fértil para o êxito de tais propósitos.<sup>19</sup> De acordo com Sanchis (2006), as instituições sociais admitem uma afluência de distintas estruturas que se coadunam e se tencionam. Deste modo, as práticas religiosas se articulam com a estrutura oficial da religião e também com outras dimensões, especialmente as do mercado, evidenciado em seu estudo do turismo religioso.

Em 1950, o Brasil que era percebido como um “país católico”, começa a apresentar um cenário religioso com fortes transformações. O intenso crescimento das igrejas pentecostais e das de denominações afro-brasileiras incomodam o corpo católico e o faz alterar aspectos identitários, como tentativa de manter e ampliar os adeptos da religião.

O Concílio Vaticano II motiva alterações nos regimentos da Igreja Católica em teor mundial, durante a segunda metade do Século XX. Neste período, são realizadas transformações litúrgicas e rituais, conferindo maior prioridade à participação dos leigos nas práticas religiosas católicas. Essas mudanças surgem devido a grande luta que a Igreja Católica enfrenta contra as igrejas evangélicas.<sup>20</sup>

Entre as décadas de 1980 e 1990, haverá a difusão do que resultou o Concílio Vaticano II, a Renovação Carismática Católica (RCC). Apesar da propagação do movimento e do grande número de adesão de fiéis, as suas práticas eram atuadas com restrições vindas da Igreja Católica. Mas em meio a grande crise do catolicismo, tais dificuldades são negociadas.

Surgem então as Comunidades Novas, extensões da RCC. O que foi possível devido ao apoio do Papa João Paulo II. Embora houvesse o apoio do Clero, a relação entre Comunidades Novas e dioceses permaneceram delicadas.

No entanto, a vontade de ter uma vasta produção mercadológica católica – bem de acordo com Berger (1995) - faz com que a Igreja se torna mais flexível, realimentando as extensões Carismáticas e investindo na produção musical. Antes conhecida por Centro Católico de Evangelização Shalom, a Comunidade Shalom é uma grande aliada do catolicismo, pois surgiu em meio a jovens que possuíam um forte anseio de evangelizar, especialmente outros jovens, quem se encontrasse em desapego quanto aos ensinamentos da Igreja.

O local inicial da Comunidade foi uma lanchonete, local estratégico que serve como ímã para atração juvenil, inaugurada em Fortaleza – Ceará, em 1982. O que foi instrumentalizado pela Comunidade para que essa atração fosse repercutida na aproximação dos jovens e outros transeuntes que frequentassem o local para “os princípios de Deus”. O “Carisma”, vocação da Shalom, resultou da Renovação Carismática, já que a Comunidade alcançou em 1999 o reconhecimento pontifício de Associação Privada Internacional, obtendo autonomia e se instituindo como Comunidade Nova – extensão da RCC. Atuando através de seu característico carisma herdado da Renovação Carismática Católica e do Espírito Santo, a Shalom está sempre disposta a atuar sob a supervisão da Igreja Católica.

No início do século XXI, a Shalom recebe o convite de mediar o contato Igreja Católica com os Romeiros e os Jovens durante as Romarias Oficiais de Juazeiro do Norte. Antes, algo pensado pela Igreja Católica apenas como uma forma de agenciamento, não contendo maiores vínculos por não

<sup>19</sup> Ressaltando que esta não é uma análise realizada por meio do que é proposto por Eliade (1992), onde os aspectos que complexificam as práticas religiosas são postas de lado, devido à análise dualizada entre sagrado e profano, que descarta a possibilidade de um entrelaçamento entre essas duas dimensões.

<sup>20</sup> Com isso, surgirá uma ruptura formal entre duas denominações: Catolicismo Popular e Catolicismo Tradicional. O Tradicional manterá os seus traços romanizados, já o Catolicismo Popular mesclará em suas práticas outras crenças e aprendizados culturais sociais.



concordarem com a forma que a Comunidade Nova proferia os ensinamentos da religião. A relação é expandida e um vínculo entre Igreja e Shalom é formado, devido ao grande sucesso que é percebido durante o evento.

Entendendo como algo de suma importância, é dada a formação necessária, de acordo com a sua atuação comunitária, aos que escolhem fazer parte da Shalom. Tal formação envereda por vários caminhos, entre eles pela promoção humana, pela Teologia e pelo Vies Artístico etc.

Ao focar o “carisma” da Shalom, percebemos que a abordagem artística é intensa. Englobando as artes plásticas, visuais, audiovisuais, teatro e dança, além da ênfase à música. Com o desenvolvimento espiritual e técnico dos que compõem o corpo musical, a Comunidade se encontra em perfeito estado de evangelização e ao alcance a todos.

Depois de estabelecer um corpo que se atualiza a todo instante no campo musical e dotado de técnicas e capacitação, vários grupos musicais foram formados e continuam aumentando. Missionário Shalom, ShalomGod, Alto Louvor, Cosme, são apenas exemplos musicais que nasceram e constituem a Shalom, repercutindo o seu “carisma”. Além dos artistas formados dentro da comunidade, existem também os que se converteram e deixaram de cantar músicas “mundanas”, para profetizar a palavra de Deus, por exemplo, o cantor Batista Lima. Além do mais, foram criados vários festivais que propagam a arte católica, o caso do Halleluya, Manifesta, Católica Music Fest.

Durante as romarias em Juazeiro do Norte, o espaço do coreto, localizado na praça Padre Cícero, é dividido por uma programação feita pela Igreja, para as comunidades católicas. Cada grupo é possuidor de dias e horários distintos onde são realizadas apresentações.

A Comunidade Shalom organiza sua apresentação de acordo com o seu “carisma”. Fazem, antes de tudo uma celebração, onde esta vai depender do tema escolhido e então se escolhem as músicas para louvar ao Senhor Deus. O grupo, por se encontrar em um estado mais amadurecido, possui as letras de suas músicas mais aprofundadas, por já possuem “uma intimidade com Deus”, segundo Paula França<sup>21</sup>.

Mas quando se trata de uma apresentação aberta ao público, o grupo se apresenta com músicas portando letras mais fáceis, com refrãos repetidos à exaustão, que visam com que a música fique na memória do espectador.<sup>22</sup> Portanto, é segundo esta interlocutora entrevistada, existe um modo de fazer música quando aberto ao público e outra quando se encontra em grupo de oração.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Secretária de Artes da Comunidade Shalom, localizada em Juazeiro do Norte.

<sup>22</sup> Conforme a entrevista: A gente começa sempre assim, nós temos músicas que iniciam o nosso grupo de oração com animação, aí fraternidade, né, pra fazer com que eles vivam ali, né, brinquem um com o outro. Aí depois da animação e fraternidade, tem a sequência, né? Tem o louvor, que vai fazendo com que as portas vá se abrindo para que Deus fale, né? O louvor vai dissipando o que dentro de nós está resistente, aí nós colocamos músicas mais animados de louvor, que fale de ‘Deus que é o Senhor’, ‘Deus que está vivo’, né? Cantar um canto novo ao Senhor, cantar em gratidão, colocar, depois do louvor, a gente pode cantar uma música do ‘Espírito’, que a música do Espírito, ela geralmente é um pouquinho mais lenta, né? Fazer com que as pessoas fiquem mais introspectivas, entrem em interioridade pra falar com Deus. E depois a gente vai pensando numa música, pode ser uma música vocacional, né, que fale da eleição de Deus pra aquele povo, ou pode ser uma música de adoração, dependendo. Né? Pode ser uma música de adoração, que ela pode ser lenta ou não. Na verdade, as nossas músicas, elas não são tão místicas como algumas outras são. Por exemplo, as gregorianas, elas são bem diferentes, as nossas não. As nossas não são dessa forma. São músicas que levam também a oração, mas que tem músicas diversas, para todos os tipos. [Trecho de entrevista concedida em 25 de maio de 2012].

<sup>23</sup> Conforme suas palavras: Dentro da nossa comunidade, dentro do grupo de oração, nós não vamos usar essas músicas. Mas nós temos os ministérios que dentro da comunidade formam uma banda em vista da evangelização, né. Mas no momento da oração nós não utilizamos. Essas músicas elas são para atrair os jovens pra dentro da Igreja. Então nós temos, hoje na comunidade, Alto Louvor que é uma banda que é da Bahia, que é um “swingão todo”, né? Aí temos uma banda de Aracaju que é forró, Brasa Viva. Aí nós temos o Missionário Shalom, que é diversos as músicas dele, ele é como se fosse um Pop, né? Deixa eu ver, aí temos uma outra irmã da comunidade que é, ela já canta mais lírico, né? Isso tudo pra que? Porque nós vamos entendendo que a arte, ela é muito fácil de entrar na sociedade. Então nós vamos pegando todas as formas da arte para atrair o povo pra Deus. Mas essas músicas de louvor, de alto louvor, né? A gente só usa durante alguns shows, shows que não sejam dentro da nossa casa, né? Pra resgatar o povo pra Deus. [Trecho de entrevista concedida em 25 de maio de 2012].

Os shows, quando ocorrem num local aberto ao público, lugar esse que não é a casa do grupo de oração, as músicas que se cantam são mais animadas. Missionário Shalom, por exemplo, tem músicas em ritmos de reggae, axé, pop...

Com a forte competição simbólica entre as religiões, existe uma tendência para que haja uma padronização entre os discursos e práticas propostos por elas, levando em consideração na grande semelhança do que cada instituição religiosa pretende oferecer. Entre o catolicismo e os neopentecostais, há um esforço de mostrar que as religiões cristãs não precisam ser tristes. A partir da perspectiva que a Igreja é viva, são reestruturados alguns conceitos, como o da música. Havendo um esforço de tornar presente em suas práticas à espiritualidade com mais alegria. O que é muito bem feito na música que é ressignificada ao ter em suas letras uma musicalidade que remete aos gêneros, tidos outrora pelos religiosos, como “profanos”.

## CONCLUSÃO

Em suma, o que evidenciamos aqui é que a *catequese polifônica* é uma estratégia antiga da Igreja Católica de evangelização que vem se atualizando e se radicalizando na contemporaneidade. A catequese é polifônica devido à assimilação das formas populares tidas como “profanas”, realizada a partir da música, dentro de uma negociação cujo limites são estabelecidos pelos próprios eclesiásticos. Desde a alta Idade Média, na ampliação do canto coral cristão (base do desenvolvimento música erudita ocidental), tanto em relação às bases romanizadas da Renovação do Sagrado Coração e ao Movimento Carismático, aqui analisado através do Shalom, vislumbramos o quanto arbitrário são as nomeações do que é tido como “sagrado” e “profano”. Nossa ironia no subtítulo *dissonâncias entre o “sagrado” e o “profano”* se refere como estes entes ao invés de serem tidos como naturalmente sincrônicos, na verdade, estão sujeitos aos ditames dos especialistas religiosos e do mercado da religião. Este, na contemporaneidade, torna ainda mais dinâmica tais categorizações, que ficam sujeitas às demandas dos consumidores da fé.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO FILHO, Moysés Louro de. **Escritos – Comunidade Católica Shalom**. Fortaleza: Edições Shalom, 2006.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma teoria sociológica da Religião. (2ª Ed.) São Paulo: Paulus, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CANDÉ, R. **História universal da música**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERNANDES, Glauco Vieira. **O Sagrado Coração Enquanto Símbolo Tradicional**. Tendências, Caderno de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri. n.3.2005
-

GUERRA, Lemuel. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica. In: Revista de Estudos da Religião-REVER. ISSN: 1677-1222. Disponível em: <[www.pucsp.br/rever/rv2\\_2003/p\\_guerra.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_guerra.pdf)>. Acesso em 05/08/13.

GONÇALVES, Sebastião Bandeira. **Renovação do Sagrado Coração de Jesus uma Reflexão Filosófica**. Monografia ao Instituto de Filosofia do Seminário São José do Crato. 1997.

HALBWACHES, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. p. 131 – 160.

HOLLER, Marcos Tadeu. **Os Jesuítas e a música no Brasil Colonial**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

**IBGE**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2011. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

**IBGE**. Tabela 3459 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por religião, segundo o sexo, a posição na ocupação e a categoria do emprego no trabalho principal e as classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos (Resultados Gerais da Amostra). 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 05/08/2013.

MANN, Thomas. **Doutor Fausto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SANCHIS, Pierre. **Peregrinação e Romaria**: um lugar para o turismo Religioso. Ciencias Sociales y Religión, Porto Alegre, ano 8, n. 8, 2006.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etnológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, E. S. (org.) **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas – SP: Papirus, 2003. (Coleção Turismo).

WEBER, Max. **Os fundamentos racionais e sociológicos da música**. São Paulo: Edusp, 1995.

WEBER, Max. Sociologia das Religiões (tipos de relação comunitárias religiosas). IN: **Economia e sociedade** (Volume I). Brasília: UnB, 1991, p.279-418.

WEBER, Max. Parte III: Religião. In: **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, 371-412, p.309-412.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das Religiões**. São Paulo: UNESP, 2012.